

# **AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM**

## **SELF-MEDICATION AMONG STUDENTS AND NURSING PROFESSIONALS**

Letícia dos Santos Ribeiro<sup>1</sup>

Camila Batista Oliveira<sup>2</sup>

Fábio Veiga Spolidoro<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A automedicação é um fenômeno muito presente na contemporaneidade, especialmente entre os profissionais e acadêmicos de enfermagem, os quais recebem conhecimento prático e teórico sobre fármacos, colocando-os em um grupo de alto risco de se automedicarem. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi analisar as características da prevalência da automedicação entre acadêmicos e profissionais de enfermagem e, em consonância a isto, analisar os medicamentos mais utilizados por esta população. A pesquisa foi realizada através de revisão bibliográfica com artigos nacionais publicados no período de janeiro de 2016 a agosto de 2017, utilizando como palavras chaves automedicação e enfermagem. No total foram pré-selecionados 260 artigos dos quais 10 foram selecionados para avaliação neste trabalho, sendo os demais excluídos por não abordarem a população em estudo nesta revisão, ou por não abrangerem o tema. Teses e dissertações também foram excluídas. Após a revisão dos trabalhos publicados pode-se concluir que a automedicação é justificada pela falta de tempo destes profissionais e acadêmicos, dificuldades de acesso aos serviços, influências sociais e geográficas, e influência do saber profissional, o qual é utilizado de forma indiscriminada. Em relação aos fármacos, houve uma discrepância

---

<sup>1</sup> Graduada em Enfermagem no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: leeticarib@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Enfermagem no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: aquarelamap@gmail.com

<sup>3</sup> Docente em Enfermagem no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: fabiospolidoro@yahoo.com.br

no ranking de utilização dos medicamentos, podendo esta diferença estar correlacionada à variação da população amostral e suas divergências socioculturais. Palavras-chave: Automedicação. Enfermagem.

## **ABSTRACT**

*Self-medication is a very present phenomenon in the contemporary world, especially among nursing professionals and academics, who receive practical and theoretical knowledge about drugs, placing them in a high-risk group of self-medication. In this context, the objective of this study was to analyze the characteristics of the prevalence of self-medication among academics and nursing professionals and, accordingly, to analyze the drugs most used by this population. The research was carried out through a bibliographical review with national articles published from January 2016 to August 2017, using keywords as self-medication and nursing. In total, 260 articles were pre-selected, of which 10 were selected for evaluation in this study, the others articles being excluded because they did not include the academics and nursing professionals population, or because they did not cover the subject. Theses and MSc. these were also excluded. After reviewing the published articles, it can be concluded that self-medication is justified by the lack of time of these professionals and academics, difficulties in accessing services, social and geographical influences, and the influence of professional knowledge, which is used indiscriminately. Regarding the drugs, there was a discrepancy in the drug use ranking, and this difference could be correlated to the sample population variation and their sociocultural divergences.*

*Key Words: Self Medication. Nursing.*

## **1 INTRODUÇÃO**

Segundo a ANVISA, automedicação é aquela cujo consumo de medicamentos ocorre sem a devida prescrição médica, ou seja, por conta e risco do praticante de tal procedimento. Muitas vezes o indivíduo opta por esta conduta na qual utiliza medicamentos que considera mais adequado para lidar com sua sintomatologia, utilizando sua própria concepção como observável na definição da ANVISA (s.d.).

Cabe ressaltar que este fenômeno é contemporâneo e de grande magnitude (SOUZA et al., 2011; AL HUSSAINI; MUSTAFÁ; ALI, 2014).

Ainda, há outras modalidades para a ocorrência da automedicação, como por exemplo, pelo consumo de medicamentos por indicações de terceiros sem que estes sejam habilitados para tal propósito. Tais atos são procedentes devido a busca de intervenções terapêuticas sem que ocorra a devida avaliação prévia de um profissional capacitado como refere a ANVISA (s.d.), conduta esta que se dá por motivos adversos, como por exemplo, ausência de recursos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em meio aos mais diversos contextos, a automedicação tem como intuito o tratamento ou alívio de sintomas de baixa magnitude através do consumo de medicamentos para tal finalidade segundo World Health Organization (s.d). O indivíduo que a pratica, almeja a partir desta, a diminuição dos sintomas, ou até mesmo cura de patologias (Ogliari 2004 apud MUSIAL; DUTRA; BECKER, 2007).

Tendo em vista este fato, não podemos deixar de considerar que um autocuidado incorreto pode acarretar ao indivíduo sérias consequências, como riscos de interação medicamentosa, reações nocivas ou involuntárias a determinados medicamentos, retardo de diagnósticos, dentre outros como trazido pela World Health Organization (s.d).

Para os profissionais da enfermagem, situações vivenciadas em seu dia a dia podem ocasionar comprometimentos significativos em sua saúde, como exposição ao estresse, jornadas de trabalho de longa duração, desordens físicas e psíquicas, e assim por diante. Neste contexto, os profissionais de enfermagem podem ser classificados como sendo um grupo de risco, devido as exposições contínuas e fatores citados anteriormente. Deste modo, o investimento em terapias farmacológicas acaba sendo uma medida alternativa para alívio imediato de sintomas, o que se contrapõe aos alicerces herdados inicialmente em sua graduação (BAGGIO; FORMAGGIO, 2009).

Ainda referente a enfermagem, podemos citar os estudantes desta área como um grupo predisposto em realizar a automedicação. Isto deve-se a escassez de tempo

no decorrer de sua jornada acadêmica, concomitantemente com ensinamentos provenientes do próprio curso, que hipoteticamente podem influenciar no rompimento pela busca de um profissional adequado para resolução de seus problemas de saúde, despertando assim um maior consumo de fármacos baseados em sua sabedoria própria (NARCISO, 2013).

O objetivo geral deste estudo é analisar a prevalência da automedicação entre estudantes, enfermeiros e técnicos de enfermagem, buscando compreender os principais fatores que contribuem para a prática entre esses profissionais. E como objetivos específicos são: conhecer os medicamentos mais auto administrados por estudantes, enfermeiros e técnicos de enfermagem, verificar a prevalência ocorrida entre acadêmicos e profissionais de enfermagem e analisar justificativas mencionadas para adesão da automedicação.

### **3 METODOLOGIA**

Este trabalho refere-se a uma revisão de literatura realizada com artigos publicados no Brasil no período de janeiro de 2016 a agosto de 2017. Sendo esta pesquisa realizada através do localizador do Google Acadêmico, utilizaram-se as palavras chaves automedicação e enfermagem.

Como critério de inclusão, selecionaram-se os artigos que continham assuntos relacionados à automedicação entre profissionais e estudantes da área da enfermagem, sendo que os artigos excluídos abrangem os trabalhos que não se relacionaram com os objetivos da pesquisa, além de dissertações e teses.

### **4 RESULTADOS**

Durante o levantamento dos artigos foram elencados 260 publicações, sendo que destas 250 foram excluídas, restando apenas 10 publicações para a realização da revisão.

#### **4.1 PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO**

Segundo o trabalho realizado por Souza et al. (2011), 54,1% dos medicamentos utilizados pelos profissionais de enfermagem foram por intermédio da automedicação. Concomitante com este fato, uma pesquisa realizada por Oliveira e Teixeira (2016) em uma Unidade de Terapia Intensiva, esta mesma classe profissional apresentou como resultado o hábito de se automedicar, se mostrando comum e aceito no ambiente em que trabalham.

É interessante mencionar que a presente pesquisa encontrou poucos resultados referentes à prevalência da automedicação ocorrida entre profissionais da enfermagem, sendo os demais direcionados a classe estudantil como mostrado nos resultados a seguir.

No que diz respeito aos estudantes da área da enfermagem, estudos conduzidos por Silva; Rodrigues (2014) mostram prevalência da automedicação entre 88,57% nesta população, equivalente aos resultados da pesquisa de Silva; Goulart; Lazarini (2014) (88,57%). Dando prosseguimento, resultados significativos foram encontrados nas pesquisas de Lukovic et al. (2014) (79,9%); Gama e Secoli (2017) (76%); Leite et al. (2016) (69,29%); Santos et al. (2012) (65,17%); Lopes e Mata (2016) (54%); Souza et al. (2011) (38,8%). Como a menor prevalência entre os achados, destacamos a pesquisa de Barros; Griep; Rotenberg (2009), que evidencia apenas 24,2% da ocorrência da automedicação entre a população amostral.

Esta divergência nos resultados encontrados, em partes devem-se as peculiaridades das populações amostrais utilizadas nestas pesquisas, pois embora sejam referentes a uma classe estudantil específica, há de se levar em consideração que estes indivíduos estão submetidos a contextos socioculturais e profissionais distintos, o que inviabiliza uma padronização metodológica para este tipo de pesquisa.

Levando em consideração as informações citadas acima, pode-se supor que tais hábitos podem estar associados e serem compreendidos através das justificativas frequentemente apresentadas por profissionais e estudantes da enfermagem para se automedicarem.

## **4.2 JUSTIFICATIVA PARA O USO DOS MEDICAMENTOS**

Quando se trata do tema automedicação, encontram-se as mais diversas justificativas para seu uso, algumas de caráter generalista, outras no contexto específico da enfermagem.

Situações específicas desta profissão expõem seus trabalhadores a variáveis circunstâncias, como a quantidade ineficaz de funcionários por setor, podendo esta ser uma possível causa para o desencadeamento de problemas osteomusculares, visto que, se o número de trabalhadores é menor, conseqüentemente os afazeres serão maiores para cada indivíduo, como mencionado por Vieira et al. (2013). Neste contexto, técnicas e procedimentos exigidos pela profissão podem estar favorecendo a instabilidade destes trabalhadores (SANTOS et al., 2017).

Outra peculiaridade encontrada sobre estes profissionais está associada à facilidade na aquisição de medicamentos, podendo este fato ser observado no trabalho de Oliveira e Teixeira (2016), onde os entrevistados mencionam a aquisição de fármacos com os próprios colegas de trabalho, como por exemplo farmacêuticos, inclusive através de prescrições de amigos médicos sem que ocorra a devida avaliação e estudo do caso, caracterizando uma consulta informal (SANTOS et al., 2017).

Os profissionais de enfermagem estão expostos a circunstâncias que podem os submeter a problemas físicos e psíquicos, como sugere os autores Dias et al. (2011); Vieira et al. (2013); Martins (2006). Mediante a este contexto, alguns profissionais acabam por adotar o consumo de substâncias psicoativas, utilizando a automedicação como um pretexto de fuga de seus problemas relacionados à saúde, o que pode os deixar suscetíveis ao futuro consumo de outras substâncias (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2016).

Segundo Oliveira e Teixeira (2016), atributos adquiridos referentes aos fármacos são outras peculiaridades destes indivíduos, que mediante a seus conhecimentos acabam por adotar a automedicação devido sua confiança sobre os medicamentos e suas finalidades. Deste modo, supõe-se que muitos destes profissionais julgam desnecessária a procura de um profissional devidamente capacitado.

Outro achado que precede a automedicação são relatos de distúrbios de pequena magnitude, podendo citar como exemplo o trabalho de Moraes; Dutra;

Fontana (2012), onde refere que 98% da população estudada relatam problemas como cefaleia, concomitante com os resultados encontrados por Souza e Neta (2016) que mencionam dores, cansaço e estresse provenientes do ambiente de trabalho como uma das principais justificativas para uso de medicamentos por conta própria, o que pode, segundo Baggio; Formaggio (2007), aumentar a vulnerabilidade de intoxicação e outros agravos que podem suceder este hábito.

Estudantes desta mesma área procuram através da autoconfiança empregar conhecimentos e teorias adquiridos durante a graduação para servir-se de medicamentos por conta própria, como evidenciado no trabalho de Lopes e Mata (2016), em que 38% dos participantes de sua pesquisa referiram tal hábito. Souza et al. (2011) conjectura que o saber destes estudantes acerca dos fármacos são consequências adquiridas pelos estudos durante a formação acadêmica. Tal informação coincide com os achados de Gama e Secoli (2017), onde relatam que 46,6% dos estudantes participantes de sua pesquisa referem não acreditar na necessidade de avaliação médica.

Outra variável importante é a influência social, que geralmente impacta na tomada de decisão desses estudantes quando o assunto é a automedicação. Podemos observar este fato na pesquisa de Castro et al. (2016), onde 43% dos alunos participantes, referem auxílio de terceiros para escolha e compra de medicamentos, salvo aqueles que os utilizaram por iniciativa própria. Achados deste mesmo autor ainda referem 23% de influência proveniente a indicações de familiares e amigos. A partir deste contexto, é possível evidenciar que os influenciadores tem grande “peso” nas decisões destes estudantes quando se trata de automedicação.

Concomitante com o caso descrito acima, Leite et al. (2016) divulga dados de sua pesquisa onde um quarto dos estudantes referem o consumo de medicamentos por indicações de balconistas de farmácia. Outros resultados deste trabalho mostram que, é frequente a menção de recomendações de medicamentos por amigos e parentes. Leite et al. (2016) ainda cita que existe também o hábito de solicitar ajuda de profissionais da saúde não habilitados para tal situação, ou seja, avaliação, alteração ou prescrição medicamentosa.

Além das influências já citadas, outro ícone social que impulsiona a automedicação e que os indivíduos estão constantemente expostos é a publicidade e

propaganda, pois com o intuito de aumentar suas vendas, a mídia muitas vezes acaba por utilizar-se de estratégias de persuasão para divulgar produtos e aumentar o interesse dos consumidores sobre estes “bens”, como traz a obra Gama e Secoli (2017). Este fato pode ser visto na obra de Castro et al. (2016), onde os autores mostram que 2% da dos entrevistados mencionam este fator como influente em suas decisões.

Em meio a inúmeros contextos distintos, podemos citar uma realidade muito comum entre os estudantes de enfermagem, que é a exigência acadêmica de grandes cargas horárias e em muitos casos a necessidade de estudo em tempo integral, como refere Souza et al. (2011). Decorrente a isto, em muitos casos a indisponibilidade de tempo pode acarretar autonegligência com a saúde desses estudantes e como diz Souza; Neta (2016) provocar estresse, que é apontado como um dos principais motivos alegados para justificar a automedicação.

Estes transtornos decorrentes a falta de tempo são citados frequentemente, como na pesquisa de Gama e Secoli (2017), em que 28,4% dos entrevistados alegam que devido estas condições, não tem tempo para agendar consultas com profissionais qualificados, sendo este hábito apontado por Aquino et al. (2010) como um dos principais motivos da automedicação.

Mesmo diante de circunstâncias tão limitadoras como a falta de tempo, há momentos em que as barreiras físicas são ainda mais difíceis de serem solucionadas, pois muitos indivíduos encontram dificuldades de acesso a serviços de saúde, como observado no trabalho de Gama e Secoli (2017) realizado no Amazonas, que refere 25% dos entrevistados que alegam adotar a automedicação devido estas circunstâncias. Ainda, outros indivíduos fazem uso de outros artifícios tais como a reutilização de prescrições, como alegam 30,7% dos entrevistados por Gama e Secoli (2017) e 27% dos entrevistados por Castro et al. (2016).

É interessante citar que, neste contexto um número significativo de estudantes entrevistados por Gama e Secoli (2017), (15,9%) alegaram preferir acreditar em seus conhecimentos acerca das medicações do que procurar um profissional qualificado para tal, este fato acaba por coincidir com a reflexão já mencionada de Lopes e Mata (2016) acerca dos conhecimentos obtidos durante a graduação e sua influência no hábito de se automedicar.



Desta forma podemos supor que a adoção de tais hábitos tenha em sua gênese grande influência da praticidade dos mesmos e dificuldade de acesso a serviços especializados por parte de muitos indivíduos, como sugere Gama e Secoli (2017). Para Sousa e Sena (2016), a dificuldade de acesso é abrangente, sendo a automedicação realizada por indivíduos que buscam soluções imediatas para alívio de sintomas. Este fato pode ser visto no trabalho de Souza et al. (2011) em que 38,8% dos estudantes entrevistados assumem adotar a automedicação para o tratamento e alívio de sintomas relacionados à dor.

#### **4.3 MEDICAMENTOS MAIS UTILIZADOS**

A partir da análise dos artigos selecionados para esta pesquisa, evidenciou-se que informações referentes aos medicamentos consumidos por profissionais da enfermagem foram pouco mencionados. Dentre os textos que buscaram elencar os medicamentos mais utilizados, podemos citar os trabalhos Souza e Neta (2016); Moraes; Dutra; Fontana (2012), que mostram os analgésicos como a classe medicamentosa mais consumida. Souza e Neta (2016) ainda afirmam mediante seus resultados que os demais medicamentos consumidos foram respectivamente, os anti-inflamatórios, antibióticos, psicotrópicos e antipiréticos.

Ainda se tratando do consumo de fármacos por profissionais de enfermagem, pesquisas realizadas com trabalhadores de uma Unidade de Terapia Intensiva apresentam, com certa frequência, menções referente ao uso de medicamentos para controle de estresse e ansiedade (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2016).

Artigos referentes aos tipos de medicamentos utilizados por estudantes de enfermagem foram encontrados relativamente com maior frequência. Dentre os trabalhos analisados, Leite et al. (2016) mencionam que os analgésicos foram a classe medicamentosa mais consumida entre a população de estudo, o que coincide com os achados entre os profissionais. Concomitante a isto Castro et al. (2016) ainda acrescentam em sua pesquisa a classe de antipiréticos como a mais utilizada, conjuntamente com os analgésicos.

É interessante citar que não houve consenso referente ao ranking dos medicamentos mais utilizados, pois divergente aos achados descritos acima, Gama e

Secoli (2017) apresentam os anti-inflamatórios como a classe de medicamentos mais consumida entre os estudantes de sua pesquisa, correspondendo ao trabalho de Júnior; Filho; Azevedo (2014), que reforçam a utilização dos anti-inflamatórios como a classe mais utilizada.

Ainda, Gama e Secoli (2017) em seu trabalho mencionam os antibióticos como ocupantes do segundo lugar no ranking de consumo, dado que diverge com a menção de Castro et al. (2016), que refere os anti-inflamatórios como o segundo fármaco mais consumido. Ainda na “briga” pela segunda colocação, Leite et al. (2016) insere os antiespasmódicos nesta “competição”, e refere os anti-inflamatórios como ocupantes da terceira colocação dos mais utilizados.

Cabe ressaltar que mediante a análise dos dados, foi possível observar variedade amostral da população de estudo, além de contextos diversificados aos quais os indivíduos amostrais podem estar expostos. Desta forma, mediante a falta de padronização da população amostral, foram encontradas discrepâncias sobre o ranking de medicamentos mais utilizados, sendo que em partes, isso pode estar associado às peculiaridades das populações estudadas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A automedicação tem ganhado cada vez mais espaço no contexto contemporâneo, trazendo consigo sérios riscos à saúde dos praticantes deste hábito. Tendo em vista as circunstâncias físicas e teóricas á que os profissionais e estudantes da enfermagem estão expostos, podemos classificá-los com um grupo de vulnerabilidade a prática da automedicação, que como constatado, sofre influências muito mais tangíveis do que a população no geral, sendo encontrados dados que demonstram prevalência significativa desta prática pela presente população amostral.

Observamos que tal hábito pode em alguns casos ser justificado pela facilidade de acesso a medicamentos, a falta de tempo para procurar serviços especializados, principalmente por parte dos estudantes de tal área, além de influências sociais e geográficas, como a dificuldade de acesso a serviços de saúde, que acabam por fortificar esta prática. Cabe também ressaltar a influência da apropriação do saber profissional de forma indiscriminada, o que culturalmente acaba

por criar muitos “entendedores especializados” em medicamentos, podendo influenciar não só estes profissionais como a população em geral, desconsiderando assim os riscos da falta de avaliação qualificada, realizada por um profissional capacitado.

Neste trabalho também foi possível observar inúmeras discrepâncias no que se refere ao ranking de medicamentos mais consumidos, sendo que tal variação pode estar associada à variação de população amostral e suas peculiaridades socioculturais.

## REFERÊNCIAS

Al Hussaini M, Mustafa S, Ali S., Self-medication among undergraduate medical students in Kuwait with reference to the role of the pharmacist, **Journal of Research in Pharmacy Practice**, v. 3, n. 1, p.23-7, 2014.

ANVISA, **O que é o uso indiscriminado de medicamentos?**, Sem data (s.d.).

Disponível em:

<[http://www.anvisa.gov.br/propaganda/folder/uso\\_indiscriminado.pdf](http://www.anvisa.gov.br/propaganda/folder/uso_indiscriminado.pdf)>. Acesso em: 19 de Setembro de 2017, 21:19.

AQUINO, D.S; BARROS, J.A.C; SILVA, M.D.P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde, **Revista Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, Ago. 2010.

BAGGIO M.A, FORMAGGIO F.M. Profissional de enfermagem: compreendendo o autocuidado, **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 28, n. 2, p. 236-241, 2007.

BAGGIO, M.A; FORMAGGIO, F.M. Automedicação: desvelando o descuidado de si dos profissionais de enfermagem. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 224-228, abr/jun. 2009.

BARROS, A.R.R; GRIEP, R.H; ROTENBERG, L. Self-medication among nursing workers from public hospitals. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 6, p. 1015-1022, Dez. 2009.

CASTRO, C., MARTINS, J., NUNES, J., SOUSA, F., & ANTÃO, C. A automedicação nos alunos da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, *Revista Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health*, v.2, n. 1, p. 123-130, 2016.

DIAS J.R.F, ARAÚJO C.S, MARTINS E.R.C, CLOS A.C, FRANCISCO M.T.R, SAMPAIO C.E.P. Fatores predisponentes ao uso próprio de psicotrópicos por

profissionais de enfermagem. **Revista de enfermagem UERJ**, v. 19, n. 3, p. 445-451, Jul/Set 2011.

GAMA, A. S. M; SECOLI, S. R., Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, e65111, 2017.

JÚNIOR, A. C. P.; FILHO, P. C. P. T.; AZEVEDO, D. S. S. Automedicação: consumo, orientação e conhecimento entre acadêmicos de enfermagem, **Revista de enfermagem UFPE**, Recife, v. 7, n. 6, p. 4472-8, 2013.

LEITE, I.C.P.C.R; FURTADO, M.M.S.C.A; ROCHA, S.S.R; MARIZ, S.R; OLIVERIA, L.T; PERON, A.P; LOPES, C.M; CALOU, I.B.F; CERQUEIRA, G.S, Automedicação em acadêmicos: um estudo transversal, Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas, Universidade Federal do Piauí, **Boletim Informativo Geum**, v. 7, n. 1, p. 19-27, janeiro/março de 2016.

LOPES, A.M; MATA, L.C.C., **Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de sete lagoas/MG**. Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas – MG, 2016.

LUKOVIC J.A; MILETIC V; PEKMEZOVIC T; TRAJKOVIC G; RATKOVIC N; ALEKSIC D; GRGUREVIC, A. Self-Medication Practices and Risk Factors for Self-Medication among Medical Students in Belgrade, Serbia, **PLOS One**, Dez. 2014.

MARTINS E.R.C. **As substâncias psicoativas e o trabalhador de enfermagem**, Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery UFRJ, 2006.

MORAES E.M, DUTRA L.M, FONTANA R.T. La cefalea y la salud del trabajador de enfermería: análisis de una realidad. **Enfermería Global**, v. 26, p. 117-125, Abril de 2012.

MUSIAL, D.C; DUTRA; J. S; BECKER, T.C.A. A automedicação entre os brasileiros, SaBios-**Revista de Saúde e Biologia**, Campo Mourão, v. 2, n. 2, p. 5-8, Jul./Dez 2007.

NARCISO, A., **Prevalência da Automedicação nos alunos do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas da ULHT**, Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 64 p., 2013.

OLIVEIRA, A. F., TEIXEIRA, E. R. Concepções sobre o uso da automedicação pelos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva oncológica. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, 10(1), p. 24-31, jan., 2016.

SANTOS, A. S., MONTEIRO, J. K., DILÉLIO, A. S., SOBROSA, G. M. R., BOROWSKI, S. B. V., Contexto hospitalar público e privado: impacto no

adoecimento mental de trabalhadores da saúde, **Trabalho Educação Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 421-438, Ago. 2017.

SANTOS B, SOUZA L.G, DELGADO N.M, TORRES W.O. Incidência da automedicação em graduandos de Enfermagem, **Journal of the Health Science Institute**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 156-160, 2012.

SILVA, F.M; GOULART, F.C; LAZARINI, C.A. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [s.l.], v. 16, n. 3, p.644-651, 30 set. 2014. Universidade Federal de Goiás.

SILVA, L.A.F; RODRIGUES, A.M.S. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde, **Revista Brasileira de Farmácia**, Jequié – BA, v. 95, n. 3, p. 961-975, 2014.

SOUSA, L. A; SENA, C.F.A. **Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV- Sete Lagoas: influência do conhecimento acadêmico**. Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas – MG, 2016.

SOUZA, D. R. P.; NETA, M. E. Automedicação por profissionais e acadêmicos da área da saúde: uma revisão de literatura. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três corações – M.G, v. 14, n.2, p. 965-974, ago./dez. 2016.

SOUZA, Layz Alves Ferreira; SILVA, Camila Damázio; FERRAZ, Gisely Carvalho; SOUSA, Fátima Aparecida Emm Faleiros; PEREIRA, Lílian Varanda, Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 245-251, 2011.

VIEIRA T.G, BECK C.L.C, DISSEN C.M, CAMPONOGARA S, GOBATTO M, COELHO A.P.F. Adoecimento e uso de medicamentos psicoativos entre trabalhadores de enfermagem de unidades de terapia intensiva. **Revista de Enfermagem UFSM**, v. 3, n. 2, p. 205-14, Mai/Ago 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, Department Of Essential Drugs and other Medicines, **The role of the Pharmacist in self-care and self-medication**, Geneva, s.d.